

# Auto-referência e co-referência nas páginas do jornal Folha de S.Paulo

Demétrio de Azeredo Soster\*

## Índice

1	O que diz o texto . . . . .	2
2	Ambientações diferenciadas . . . . .	3
3	Percurso metodológico . . . . .	8
	Considerações finais . . . . .	12
	Referências . . . . .	15

## Resumo

Este artigo observa algumas das complexificações que os dispositivos jornalísticos sofrem quando, ao se estabelecerem como vetores de midiaticização, são afetados pela processualidade desta, midiaticizando-se. A análise se realiza por meio da identificação das marcas de auto-referência e co-referência, características do jornalismo midiaticizado, encontradas em 372 páginas do jornal Folha de S.Paulo entre os dias 10 e 16 de maio de 2009. Conclui que, quando jornalismo se midiaticiza, suas operações voltam-se, em grande escala, a) para o interior do próprio sistema em que se insere e b) para os demais dispositivos que compõem o sistema midiático-comunicacional. Instauram-se, assim, novas lógicas operacionais, o que requer gramáticas de reconhecimento diferenciadas.

---

\*Professor de jornalismo da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Doutor em Comunicação pela Unisinos.

**Palavras-chave:** jornalismo midiaticizado, auto-referência, co-referência, midiaticização, jornalismo.

## 1 O que diz o texto

ESTE artigo observa, por meio de pesquisa empírica realizada no jornal Folha de S.Paulo entre os dias 10 e 16 de maio de 2009, o que ocorre com o jornalismo quando este, mais que vetor de midiaticização, é afetado pela processualidade desta, midiaticizando-se. Partimos do pressuposto que, quando isso se verifica; quando o jornalismo se midiaticiza, reconfigura-se toda uma ecologia comunicacional (Gomes, 2006), e, nela, o que há de jornalístico. A análise, realizada por meio de pesquisa quantitativa das marcas deixadas por duas características<sup>1</sup> do jornalismo midiaticizado nas páginas do jornal, um dos principais do País, – a auto-referência e a co-referência –, sugere que a midiaticização, ao afetar os dispositivos jornalísticos, acaba por interferir na forma como estes elaboram suas narrativas, fazendo que se estabeleçam, dessa maneira, novos contratos de leitura e a complexificação de lugares secularmente instituídos.

Serão em número de quatro os movimentos que realizaremos para dar conta de nosso problema: em um primeiro momento, delimitaremos conceitualmente o que entendemos por midiaticização, para, então, discorrermos a respeito da auto-referência e co-referência, duas das características do jornalismo midiaticizado (Soster, 2009). Uma vez explicitado o caminho metodológico a ser adotado, observaremos as operações discursivas realizadas nas páginas do jornal Folha de S.Paulo por meio de marcas textuais identificadas, para encaminharmos, então, as considerações finais.

Começamos, pois, por delimitar o que entendemos por midiaticização, e, nela, a midiaticização do jornalismo.

---

<sup>1</sup>A terceira categoria, que chamamos de descentralização, diz respeito ao fato de o jornalismo midiaticizado não operar com centralidades, por se materializar em uma estrutura em rede. Ou seja, os dispositivos que compõem o sistema midiático-comunicacional se estabelecem como nós e conexões de uma rede, afetando e sendo afetados uns pelos outros em suas operações, transformando-se mutuamente, mas sem ocuparem um lugar central nesta arquitetura.

## **2 Ambientações diferenciadas**

Como observamos em momentos anteriores (Soster 2007, 2007-b, 2008 e 2009), o fenômeno da midiatização se estabelece com mais visibilidade na sociedade a partir do momento em que esta se vê estruturada em um contexto altamente tecnologizado e passa a dialogar em rede<sup>2</sup>, estabelecendo matizes simbióticas à interação homem-máquina e suas complexificações. Ou seja, no período evolutivo em que as máquinas, por meio de suas operações, e estando interconectadas, deixam de ser um suporte à atividade humana e se estabelecem relacionalmente com esta em termos de processualidade, reconfigurando a ecologia comunicacional a que nos referimos anteriormente. Não se trata de afirmar que a relação entre a tecnologia e os indivíduos seja novidade, como já haviam apontado Rüdiger (2002, 2007), Lemos (2008) e Galimberti (2006), para ficarmos em três, mas de algo que, em determinadas circunstâncias, reconfigura o modo de ser do homem na sociedade. Cria-se, na intersecção desta relação, novas e sucessivas realidades. Se há novas realidades, há novos processos de sentido, duas categorias que requerem conceituação.

A realidade a que nos referimos significa o somatório das formas sociais e psíquicas, tornando-se a condição para a elaboração da experiência. Como explica Luhmann (2005), representa “(...) um correlato das operações do sistema, – e não, digamos, uma qualidade pertencente aos objetos do conhecimento –, adicionalmente àquilo que os distingue como indivíduo ou espécie” (2005, p.23). A realidade existe porque, antes dela, o sentido se estabelece e faz com que a realidade se reproduza e atualize. Desta forma, empresta forma às experimentações dos sistemas sociais e psíquicos à medida que as comunicações e os pensamentos se realizam com base nela, tornando-se indispensável às operações dos sistemas, por permitir a redução e a manutenção simultâneas

---

<sup>2</sup>Segundo Castells (2003, pág. 566), rede é um conjunto de nós interconectados. Nós, por sua vez, são pontos nos quais curvas se entrecortam. São estruturas abertas capazes de se expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que estes consigam comunicar-se dentro das redes, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação. Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. Neste sentido, a internet é uma rede quando permite aos demais dispositivos jornalístico-comunicacionais dialogarem entre si.

da complexidade<sup>3</sup>. Sob esta perspectiva, sentido é parte fundamental da racionalidade humana e se engendra a partir do momento em que formas específicas de realidade (como, por exemplo, o sistema das máquinas e o sistema social, dos homens) entram em contato e são afetados de alguma forma por esta interação, criando *exprimíveis*.

Ciro Marcondes Filho (2004), ao propor uma releitura da comunicação a partir da tríade sentido, interpretação e sistema, atribui ao pensamento estóico grego a primeira formulação teórica a respeito do conceito de sentido. Trata-se de um atributo que os gregos chamavam de *exprimível*, que difere o objeto de seu significado, sem alterar a natureza do primeiro.

Para os estóicos, o pensamento é um corpo, assim como o som (a palavra). O corpo pode ser representado por uma palavra, que lhe adiciona um atributo incorpóreo, mas em nada lhe altera. Suprime-se, dessa forma, qualquer relação intrínseca entre a palavra e a coisa, uma vez que palavras e coisas são corpos de uma dimensão adicional: incorpórea. O incorpóreo na palavra é o seu sentido, na coisa são seus atributos (Marcondes Filho, 2004: 39).

Com base nestas ponderações, sentido será compreendido como o efeito de realidade resultante das operações sócio-tecnológicas e discursivas do próprio sistema. As operações do sistema são de natureza sócio-técnica e discursivas porque combinam, de um lado, o conhecimento científico, enquanto que, de outro, suas aplicações práticas, processo que se inicia mais visivelmente a partir da Modernidade. Isso porque ela, a Modernidade,

(...) promoveu uma penetração transversal das tecnologias em todos os âmbitos das práticas sociais e institucionais, até o ponto que, hoje, devemos nos referir às organizações sociais como sistemas sócio-técnicos, não apenas específicos

---

<sup>3</sup>Para Luhmann, os sistemas sociais “(...) têm a função de captar e reduzir a complexidade do mundo. Pela formação dos sistemas sociais ocorre uma seleção de possibilidades, com exclusão de outras, permanecendo as excluídas ainda como oportunidades (...) O sistema, conforme Luhmann, é o mediador entre a extrema complexidade do mundo e a pequena capacidade do homem em assimilar as múltiplas formas de vivência”. (Luhmann, 1997, pág. 12)

da produção econômica (por mais “flexível” que esta seja), mas também como um modo de articulação das múltiplas dimensões da vida social em práticas sócio-técnicas. As práticas sociais não são “meramente” políticas, econômicas, educativas ou comunicativas, mas tendem a uma crescente incorporação das tecnologias tanto em “trans” *formações* que articulam as relações humanas como as relações eminentemente articuladas por meio da associação com tecnologias sobre as quais se sustentam por meio de dispositivos sócio-técnicos. (Vizer, 2006:, 142)

Já *mediatização* é o nome que daremos ao processo de criação de novas ambientações, ou realidades, a partir de operações entre os sistemas tecnológico, social e discursivo. Estas operações se tornam mais visíveis à medida que a sociedade passa a regular e ser regulada por dispositivos de natureza comunicacional, – e a internet é a face mais evidente desta simbiose –, de forma que não se possa pensar em separado em uma ou outra. Para Fausto Neto (2006), trata-se de uma combinação de conhecimentos e operações estruturadas como tecnologias de informação, responsáveis pela criação de novos ambientes, lugares onde se reproduzem novas formas de interação cujas referências são “processos discursivos voltados para a produção de mensagens” (2006: 9).

O caminho aponta, – e isso também é observado por Fausto Neto, com base nas ponderações de Gomes (2006) a respeito da possibilidade de surgimento de novas ambientações; de novas formas de ser no mundo a partir da *mediatização* da sociedade –, para um algo que também é constituído “(...) de formas e de operações sócio-técnicas, organizando-se e funcionando com bases em dispositivos e operações constituídas de materialidades e imaterialidades” (Fausto Neto, 2006: 9), mas que não se restringe a elas. Estas características são os lugares a partir dos quais a *mediatização* afeta o funcionamento de outras práticas sócio-institucionais, gerando complexidades.

Tais afetações são relacionais e geram, conseqüentemente, retornos de processos de sentido das construções feitas pelos outros campos, e que se instauram nos modos de funcionamento da *mediatização*. Isso significa dizer que a *mediatização* produz mais que homogeneidades, conforme de-

preendem as teorias clássicas da comunicação, na medida em que, ao contrário, gera complexidades (2006: 10).

Algo semelhante pode ser dito em relação à realidade que se estabelece a partir do diálogo existente entre os dispositivos midiáticos quando estes operam em rede e passam a gerar complexidades no interior do sistema jornalístico-comunicacional. Com uma diferença: esta geração de sentidos, portanto de realidades, decorrente da processualidade midiática, não se verifica apenas no espaço existente entre os pólos de emissão e recepção; como ocorre na intersecção do espaço social com o sistema midiático (a televisão capturando imagens de um acidente na rua, por exemplo). Isso porque o sistema opera de forma auto-referencial, ou seja, encontra-se voltado principalmente para as operações do próprio sistema, vindo a se comunicar com seu entorno, onde se localizam os demais sistemas, somente quando for irritado<sup>4</sup> por alguma informação.

Por outro lado, afirmar que os sistemas, e, neles, o jornalístico-comunicacional, operam em uma perspectiva auto-referencial, equivale a dizer que os dispositivos dos quais são formados estabelecem diálogos processuais com seus pares, de natureza intermediática, o que é particularmente possível em eles estando ligados por uma estrutura de rede. Estes diálogos se estabelecem pelo viés dos textos, mas também das imagens e dos áudios –, que, ao fluírem<sup>5</sup> de um lugar a outro do sistema, acabam por diluir as fronteiras entre emissores e receptores. Desta forma, o papel de emissor e de receptor acaba por se tornar insuficiente para explicar o que se estabelece na processualidade da informação no interior do sistema jornalístico-comunicacional. A afirmação pode ser percebida, por exemplo, quando os sites, blogs e microblogs de natureza jornalística, mas também os jornais, revistas, rádios e televisões,

---

<sup>4</sup>Por irritação vamos entender as perturbações que o ambiente provoca no sistema e que se estabelecem neste como informações, sendo processadas como tal.

<sup>5</sup>Fluxos, para Castells (2003), representam a expressão dos processos que *dominam* nossa vida econômica, política e simbólica. “Neste caso, o suporte material dos processos dominantes em nossas sociedades será o conjunto de elementos que sustentam esses fluxos e propiciam a possibilidade material de sua articulação em tempo simultâneo. (...) há uma nova forma espacial característica das práticas sociais que dominam a moldam a sociedade em rede: o espaço de fluxos. O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempos compartilhado que funcionam por meio de fluxo. (Castells, 2003, pág. 501)

servem de fonte um para outro, deixando em uma espécie de segundo plano seus leitores/ouvintes/telespectadores.

Com base nestas reflexões, delimitaremos as duas categorias do jornalismo midiaticizado que utilizaremos em nossa análise empírica:

1. Auto-referência – pode ser percebida quando as operações discursivas dos dispositivos estão voltadas, por meio de marcas, para o próprio texto que as compõem, explicando suas operações (geralmente por meio do uso de verbos de apoio) e estabelecendo, assim, novos vínculos.
2. Co-referencialidade – à medida que as operações do sistema midiático-comunicacional estão voltadas para o interior do próprio sistema, os dispositivos que compõem este também passam a estabelecer diálogos cada vez mais frequentes entre seus pares. Unem-se, com isso, dois nós do sistema, sendo que o fio condutor entre um e outro é a comunicação.

Conforme observamos em texto anterior (Soster, 2008), o jornalismo midiaticizado representa uma terceira descontinuidade<sup>6</sup> à prática, que sucede, em escala de importância, a invenção da rotativa/imprensa de massa (1850) e a digitalização (1970), na categorização proposta por Marcondes Filho (2002). Cada uma a seu modo, estas mudanças transformaram o modo de ser do jornalismo, exigindo, uma vez mais, novas gramáticas de reconhecimento.

Se realizarmos um exercício projetual, e resguardando as perspectivas originais de cada autor, observaremos que a di-

---

<sup>6</sup>O conceito de descontinuidade foi elaborado por Bruce Mazlish (1995), um historiador, em sua tentativa de compreender o período evolutivo da sociedade em que nos encontramos. A primeira grande descontinuidade – e aqui Mazlish se vale de um exemplo citado por Freud durante uma série de conferências realizadas por este na Universidade de Viena entre os anos de 1915 e 1917 – contra o “amor próprio” dos homens foi dado por Copérnico, ao dizer que a terra não era o centro do universo, mas apenas um ponto minúsculo deste. A segunda descontinuidade ficou sob responsabilidade de Darwin, que, ao estabelecer a teoria da evolução, destruiu o lugar supostamente privilegiado que o homem ocupara na criação do universo. A terceira descontinuidade seria instaurada pelo próprio Freud, por meio da psicanálise, à medida que esta procura demonstrar que o ego não é sequer o dono de si e deve se contentar com uma escassa informação a respeito do que ocorre na mente humana.

nâmica de formação do conceito de continuidade/descontinuidade de Mazlish possui semelhanças com a de territorialização/desterritorialização de Haesbaert (2004), a que nos referimos em momentos anteriores de nossa pesquisa. Ou seja, ambas sugerem, cada uma a seu modo, que estamos imersos em uma processualidade onde o surgimento de novos fenômenos diz respeito, antes, a uma lógica operacional específica, do que necessariamente a uma dinâmica de caráter temporal-sucessório (antes-depois). (Soster, 2008: 6)

A semelhança a que Haesbaert se refere diz respeito ao fato de o conceito de território se justificar a partir da existência de seu oposto, ou seja, um desterritório. Neste sentido, a desterritorialização provocada pela midiaticização do jornalismo representa, antes, a criação de um novo território que a ausência deste. E, se há um novo território, há novas regras a serem observadas; não distintas, mas complementares às que lhe antecederam. Assim como a fala antecede a escrita, também aqui os indícios sugerem pistas sobre possíveis caminhos analítico-interpretativos.

Posto isso, observemos, as marcas deixadas pela midiaticização nas páginas do jornal Folha de S.Paulo, para, após, encaminharmos nossas considerações finais, onde interpretamos as mesmas. Começemos por uma explicação metodológica do caminho adotado.

### 3 Percurso metodológico

Como dissemos, os dados desta pesquisa foram coletados entre os dias 10 e 16 de maio<sup>7</sup> de 2008 nas páginas dos cadernos que compõem o jornal Folha de S.Paulo, um dos principais do País, com tiragem de aproximada de 300 mil<sup>8</sup> exemplares/dia. A escolha do período de análise foi

<sup>7</sup>Por problemas ligados à logística de distribuição da Folha de S.Paulo em Santa Cruz do Sul (RS), onde a pesquisa foi realizada, o dia 13 de maio de 2008 não foi tabulado. Por a análise observar todas as páginas do jornal, à exceção de cadernos como Classificados ou promocionais), e o site não disponibilizar na *web* todo o conteúdo impresso, optou-se por deixar de fora da tabulação este dia.

<sup>8</sup>No período analisado, a tiragem variou de 283.126 exemplares (dia 14 de maio, quinta-feira) a 379.230 exemplares (domingo, dia 17 de maio)



aleatória. Por meio de uma pesquisa quantitativa, observou-se marcas que nos permitissem identificar, no texto, sinais de auto-referência (o jornal se referindo a si próprio; explicando suas próprias operações) e co-referência (o jornal referenciando outros dispositivos<sup>9</sup> jornalísticos).

Com base nesta categorização, a auto-referência se estabelece a) quando o jornal grafa, em bold<sup>10</sup>, a palavra **Folha** no corpo da matéria para referenciar suas próprias operações. Ou, ainda, b) quando redige, igualmente em bold, o nome do repórter responsável pela matéria já a partir da capa, sendo que este é de seu próprio corpo editorial. Uma terceira possibilidade é a c) referência, mesmo em termos genéricos – a “reportagem apurou”, por exemplo – às operações realizadas no interior do próprio dispositivo jornal. Encontramos exemplos, também, por meio dos quais a auto-referência se estabelecia d) a partir do nome dos cadernos que compõem a Folha de S.Paulo, como, por exemplo, Cotidiano, Esporte e Brasil.

De forma resumida, teremos auto-referência quando aparecer no texto:

- a) a palavra **Folha** grafada de bold;
- b) o nome do repórter que escreveu a matéria, igualmente em bold;
- c) referência, mesmo genérica, à operação (“a reportagem apurou”, por exemplo);
- d) nome dos cadernos que compõem o corpo editorial do jornal.

Já a co-referência diz respeito às vezes que o nome de outros veículos foi citado em matérias da Folha de S.Paulo.

Elaboramos uma tabela para cada edição do jornal para nos auxiliar na visualização das marcas:

---

<sup>9</sup>Utilizaremos o conceito de dispositivo como sinônimo de mediação com natureza sócio-técnica discursiva. Assim, quando falarmos de dispositivos de natureza jornalística, estaremos nos referindo aos jornais e às revistas impressas, mas também às rádios, às televisões, aos webjornais, blogs e microblogs de natureza jornalística.

<sup>10</sup>Sinônimo de negrito.

**Tabela 1 – Modelo de análise**

Folha de São Paulo – Edição 29.257

Nº de páginas: 78 (mais 10 do Caderno Mais! e 12 de classificados)

Domingo, 10 de maio de 2008.

Caderno/Página	Indicador	Níveis de referência
Capa	“Produtores do Paraná dizem não ter estrutura para colher; transportar e estocar a primeira safra de milho transgênico do Brasil de maneira que ela foque segregada da produção convencional, relata <b>Agnado Brito</b> ”	Auto-referência. O nome publicado na chamada de capa diz respeito ao autor do relato, cuja matéria, assinada, está publicada na página B1 do jornal.

Fonte: elaboração do autor

Na parte superior da tabela inserimos os dados de identificação da edição a ser analisada. Abaixo desta, na primeira coluna, o caderno/página a que pertence a informação selecionada. Na coluna do meio, o trecho onde se localiza o exemplo a ser observado. Na coluna da direita, finalmente, o espaço dedicado ao nível de referência; se auto ou co-referencial. Temos, assim, um total de seis tabelas aplicadas, cujos resultados passamos a observar a seguir.

No primeiro dia da análise, domingo, 10 de maio, encontramos, em uma edição de 78 páginas, 44 casos de auto-referência e 17 de co-referência, em um total de 61 entradas. No caso de auto-referência, encontramos marcas já a partir da capa. Por exemplo: estava escrito, em um texto de apoio à manchete, a expressão “(...) relata **Agnaldo Brito**”, o nome próprio grafado em bold. Trata-se do repórter que assina a matéria de capa do caderno B1 – País perde controle dos transgênicos –, onde encontramos novo exemplo de auto-referência no terceiro parágrafo, o nome da Folha em bold: “A reportagem da **Folha** visitou (...)”.

Na segunda-feira, dia 11 de maio, o número de incidências se reduziu ligeiramente em relação ao dia anterior, mas houve uma inversão. O número de casos de co-referência foi maior: em um total de 52 páginas, 22 a menos que na edição do dia anterior, havia 42 referências a outros dispositivos midiáticos, 18 delas em apenas uma página: A6

– Brasil, coluna Toda Mídia. A coluna comentava matérias do Sunday Telegraph, Financial Times, The New York Times, entre outros.

Mais adiante, na página A9 – Brasil, a revista Veja é citada cinco vezes na mesma matéria. Já as marcas de auto-referência são em número de 16 neste dia. Na página A7, por exemplo, editoria de Brasil, está escrito que “A reportagem conversou (...)”. Observe-se que o substantivo “reportagem” está em normal. Mais adiante, na A10 – Mundo, vamos encontrar dois exemplos de auto-referência em uma única matéria: “(...) disse à **Folha** (...)” e “Pesquisas obtidas pela **Folha** (...)”.

A relação entre casos de auto-referência e co-referência se estabiliza numericamente na terça-feira, dia 12 de maio, em uma edição de 48 páginas, onde expressões em que a palavra **Folha** aparece junto de verbos como “revelou”, “telefonou”, “disse”. “apurou”, “levantou” etc. aparecem 31 vezes. Isso já a partir da capa, onde texto afirma que “A **Folha** *apurou* que a Receita fiscaliza a Petrobras (...)”, em uma clara referência às suas próprias operações. Em se tratando de co-referência, são 34 entradas, caso, por exemplo, do que ocorreu em matéria da página A6-Brasil, onde a revista Veja é citada duas vezes, enquanto que o jornal Zero Hora, uma.

Na edição de 14 de maio, são 41 casos de auto-referência e 26 de co-referência, perfazendo um total de 62 entradas nas duas categorias em 74 páginas de jornal. Na página A8-Brasil, em uma mesma matéria “A **Folha** publicou (...)”, “A *Folha* revelou (...)” e “A *Folha* telefonou (...)”. Mais adiante, na página A15-Mundo, havia “Um diplomata ouvido pela *Folha* (...)” e “(...) em entrevista à *Folha* (...)”, dentre outros exemplos. Na E-8, quando o assunto é co-referência, a Rede Globo é citada duas vezes, enquanto a Band uma e a Record, duas.

No dia seguinte, sexta-feira, 15 de maio, uma edição de 46 páginas, são 29 exemplos de auto-referência contra 43 de co-referência. No sábado, por fim, dia 16 de maio, uma edição de 74 páginas, trouxe um total de 30 exemplos de auto-referência contra 11 de co-referência, somando 41 incidências.

Somando-se, temos 191 marcas de auto-referência e 173 de co-referência, em um total de 327 incidências em 372 páginas de jornal analisadas durante os seis dias, como podemos observar na tabela abaixo:

**Tabela 2**

<b>Data da publicação</b>	<b>Auto-ref.</b>	<b>Co-ref.</b>	<b>Total</b>	<b>Pág. edição</b>
Domingo, 10/05	44	17	61	78
Segunda, 11/05	16	42	58	52
Terça, 12/05	31	34	65	48
Quinta, 14/05	41	26	67	74
Sexta, 15/05	29	43	72	46
Sábado, 16/05	30	11	41	74
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>191</b>	<b>173</b>	<b>327</b>	<b>372</b>

Fonte: elaboração do autor

### Considerações finais

Mais que destacar o próprio nome no noticiário como sugere Suzana Singer<sup>11</sup>, secretária de redação da Folha de S.Paulo, a operação de natureza auto-referencial que o jornal realiza 191 vezes ao explicar, nas matérias, suas próprias operações, está ligada ao que Fausto Neto chamou de uma “nova forma de funcionamento dos discursos jornalísticos” (2006, p.51). Ou seja, um momento em que a ênfase não reside mais na construção de realidade que o texto jornalístico usualmente possibilita por meio de suas narrativas, mas na realidade em construção que se revela por meio de suas operações. Isso para que o sistema midiático-comunicacional (que Fausto Neto chama de ‘campo das mídias’) reitere sua autonomia em relação aos demais sistemas.

Porém, para que tal *status* produza efeito de reconhecimento, enquanto legitimação de campo, é preciso que diga aos outros campos como faz para tecer a “realidade em construção”, ou seja, como dar forma às referências de mundo, das realidades tecidas no seu cotidiano. Já não se trata mais da “tarefa representacional” confiada, até então, ao jornalismo para narrar o que se passa noutros campos. Mas, a de produzir realidades e descrever, ao mesmo

<sup>11</sup>Entrevista por e-mail, em 9 de junho de 2009.

tempo, os mecanismos produtivos postos em prática para engendrá-las. Inevitavelmente, este processo passa por operações textuais, por um novo trabalho de enunciação.

(Fausto Neto, 2006, p. 52)

Trata-se, portanto, de um movimento próprio da midiatização, particularmente do jornalismo midiatizado, que, nos exemplos de auto-referência observados, pode ser percebido quando, junto ao nome Folha – ou um de seus cadernos (Dinheiro, Painel etc.) –, invariavelmente grafado em bold, aparecem verbos que denotam a ação realizada: “levantamento feito pela **Folha**”; “procurado ontem pela **Folha**”, “a **Folha** publicou”, “a **Folha** revelou”, “a **Folha** telefonou” e assim sucessivamente. Revelar os movimentos da operação, por sua vez, e aqui concordamos novamente com Fausto Neto (2006), equivale a sugerir a existência de um novo contrato de confiança, baseado, como dissemos, antes nas operações dos dispositivos que em suas narrativas de natureza referencial.

No que diz respeito às marcas de co-referencialidade, cujos exemplos, em nossa pesquisa, aparecem 173 vezes, entendemos que estas representam igualmente uma característica do jornalismo midiatizado à medida que revelam a existência de um diálogo entre dispositivos no interior do sistema midiático-comunicacional. Se isso se dá dessa forma é porque, com a midiatização, o sistema em que o jornalismo se insere se fecha operacionalmente e volta suas operações para seu próprio interior. Isso ocorre, como explica Luhmann (1997), porque os sistemas buscam, primeiramente, reduzir a complexidade em seus próprios interiores, para então oferecerem esta realidade com contornos mais visíveis aos demais sistemas. Este movimento se torna possível por meio de irritações, movimentos que permitem aos acontecimentos serem absorvidos pelo sistema midiático; operações que se estabelecem no interior do próprio sistema e que chamamos de reentrâncias<sup>12</sup>.

Em palavras mais simples, as marcas de co-referencialidade encontradas na amostra sugerem que o dispositivo jornal impresso Folha de S.Paulo não apenas é integrante do sistema midiático-comunicacional

---

<sup>12</sup>Trata-se, como define Luhmann (2005-b), da capacidade que os sistemas têm de introduzir a distinção entre sistema e meio no interior de si mesmos, e de utilizar esta diferenciação em suas próprias operações.

como dialoga com os demais jornais, revistas, sites e televisões, transformando, nesta intersecção, as narrativas e processualidades de um de e outro e deixando o entorno em uma espécie de segundo plano, mas sem prescindir deste.

Isso pode ser percebido quando uma matéria, como a publicada na página A13-Brasil, intitulada “Gravações ligam Yeda a suposto caixa dois”, é construída principalmente a partir do relato realizado na mesma semana pela revista *Veja*, como sugere a linha de apoio: “Segundo a revista ‘Veja’, conversas entre ex-coordenadores de campanha (...)”. Com isso, o jornal não apenas referencia outro dispositivo como “explica” o que este está veiculando, contribuindo, assim, para a redução da complexidade do sistema midiático-comunicacional. Redução de complexidade significa, neste contexto,

(...) que uma estrutura de relações entre elementos (de um sistema, de um entorno, do mundo) se reconstrói em um número menor de relações em um sistema particular. A complexidade se realiza e mantém no sistema somente mediante reduções: redução e manutenção de complexidade não estão em contradição, mas dependem uma da outra. Redução de complexidade significa manutenção seletiva de um âmbito de possibilidades com bases estruturais. Quem determina quanta complexidade interna pode criar e tolerar um sistema são as estruturas. A manutenção e a redução da complexidade dependem destas estruturas, que pre-selecionam as possibilidades de elementos se relacionarem entre si. (Baraldo, Corsi & Esposito, 1996)

A redução de complexidade contribui para que a informação que chegará ao ambiente em que o sistema se encontra tenha contornos lineares e seja, portanto, de fácil assimilação.

Ao observarmos a existência de auto-referência e co-referência nas páginas do jornal *Folha de S.Paulo*, também estamos afirmando que o dispositivo se encontra descentralizado no sistema em que se insere. Não significa que ele seja mais ou menos importante, mas que agora atua, antes, como nó ou conexão de uma rede que liga um dispositivo a outro do que um lugar institucional particularmente importante em relação aos demais sistemas sociais.

O fato de reverenciar suas próprias operações, e a de seus pares, permite-nos afirmar, também, que o dispositivo, mais do que vetor de midiaticização, é afetado pela processualidade desta, midiaticizando-se. Compreender o que significa a um dispositivo midiático estar midiaticizado para além da identificação das marcas do fenômeno e sua quantificação é o desafio que se apresenta em nosso percurso de pesquisa, que não se encerra aqui.

## Referências

- Baraldi, C.; Corsi, G. & Esposito, E. (orgs). (1996). *Glossário sobre la teoria social de Niklas Luhmann*. México: Anthropos.
- Castells, M. (2003). *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 1)
- Fausto Neto, A. (2006). “Mutações nos discursos jornalísticos: da ‘construção da realidade’ à ‘realidade da construção’”, in: *Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- Galimbert, U. (2006). *Psiche e techne: O Homem na Idade da Técnica*. São Paulo: Paulus.
- Gomes, P. (2006). *Filosofia e ética da comunicação na midiaticização da sociedade*. São Leopoldo: Unisinos.
- Haesbaert, R. (2004). *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Lemos, A. (2008). *Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.
- Luhmann, N. (2005). *Confianza*. México: Anthropos.
- \_\_\_\_\_. (2005-b). *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus.
- \_\_\_\_\_. (1997). *A nova teoria dos sistemas*. Porto Alegre: Ufrgs.

- Marcondes Filho, C. (2004). *O escavador de silêncios: Formas de construir e de desconstruir sentidos na Comunicação*. São Paulo: Paulus.
- \_\_\_\_\_. (2002). *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker.
- Mazlish, B. (1995). *La cuarta discontinuidad: la coevolución de hombres y máquinas*. Madrid: Alianza.
- Rüdiger, F. (2007). *Introdução às teorias da cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.
- Rüdiger, F. (2002). *Elementos para a crítica da cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.
- Soster, D. (2009). *O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos*. São Leopoldo: Unisinos, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- \_\_\_\_\_. (2008). “Midiaticização, a terceira discontinuidade do jornalismo”, in: *6º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo*, São Bernardo do Campo. Anais.
- \_\_\_\_\_. (2007). “O jornalismo para além de suas fronteiras conceituais”, in: *5º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo*, Aracaju. Anais.
- \_\_\_\_\_. (2007-b). “Jornalismo midiaticizado: a mídia na frente do espelho”, in: Felippi, Â.; Piccinin, F. & Soster, D. (org.). *Metamorfoses jornalísticas: formas, processos e sistema*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- Vizer, E. (2006). *Processos sociotécnicos y mediatización em la cultura tecnológica*. Rede Prosul, Rosário: Argentina.